

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 1 2019

ARTIGO

A PRODUÇÃO CESTEIRA E DE CORDOARIAS NA PRÉ-HISTÓRIA DO CARIRI PARAÍBANO

Rodrigo Lessa Costa*, Flávio Augusto de Aguiar Moraes**

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados das análises de quinze amostras de cestarias e cordoarias encontradas num abrigo com sepultamentos secundários, o sítio Pedra da Tesoura, localizado no Distrito do Marinho, Boqueirão-PB. A técnica mais comum foi o trançado torcido aberto, observada em treze das amostras analisadas. A técnica cruzada aparece residualmente numa amostra em que a visualização é relativamente ambígua. Aparentemente a técnica torcida predominou pelo Nordeste brasileiro, haja vista sua recorrência em conjuntos provenientes de outros sítios da região. Não obstante o caráter vestigial do registro arqueológico, criticamente acentuado no caso de achados orgânicos, é importante ressaltar uma aparente descontinuidade, na medida que exemplares observados em museus, confeccionados por grupos indígenas da região, são construídos primordialmente com a técnica cruzada.

Palavras-chave: Cestaria; Índios Cariri; Boqueirão-PB.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque/UNIVASF) e do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (CARQUEOL/UNIVASF), Campus Serra da Capivara. rodrigo.lessa@univasf.edu.br. <https://orcid.org/0000-0001-5362-3402>.

** Professor do Colegiado de História da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão. Coordenador do Núcleo de Estudos em Arqueologia e História – NUPEAH. flavioaguiarac@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-1053-4693>.

BASKETRY AND CORDAGE PRODUCTION IN THE PREHISTORY OF CARIRI PARAIBANO

ABSTRACT

This article presents the results of an analysis of fifteen basketry and cordage samples found in a rockshelter site with secondary burials: Pedra da Tesoura site, Marinho District, Boqueirão-PB. The most common technique was twinning, observed in thirteen of the analyzed samples. Plaited only occurred residually, in a fairly problematic sample. Apparently, the twinning technique predominated in the Brazilian Northeast, due to its prevalence in other sites of the region. Despite the ephemeral feature of archaeological record, terrifying marked in perishables, it's important point out the discontinuity of that kind of technique, replaced for plaited in historical times as attested in museum assemblages.

Keywords: Basketry; Cariri Indians; Boqueirão-PB.

LA PRODUCCIÓN CESTERA Y DE CORDOARIAS EN LA PRE-HISTORIA DEL CARIRI PARAÍBANO

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de los análisis de quince muestras de cestas y cordoarias encontradas en un abrigo con sepulcros secundarios, el sitio Pedra da tesoura, ubicado en el Distrito de Marinho, Boqueirão-PB. La técnica más común fue el trenzado torcido abierto, observado en trece de las muestras analizadas. La técnica cruzada aparece en una muestra en la que la visualización es relativamente ambigua. Aparentemente la técnica torcida predominó por el Nordeste brasileño, hay vista su recurrencia en conjuntos provenientes de otros sitios de la región. No obstante el carácter vestigial del registro arqueológico, críticamente acentuado en el caso de hallazgos orgánicos, es importante resaltar una aparente discontinuidad, en la medida que ejemplares observados en museos, confeccionados por grupos indígenas de la región, son construidos primordialmente con la técnica cruzada.

Palabras clave: Cestería; Pueblo Cariri; Boqueirão-PB.

INTRODUÇÃO

A região nordeste do Brasil tem revelado nos últimos 30 anos importantes evidências do uso de artefatos trançados em fibras vegetais em contextos pré-históricos. Os sítios arqueológicos que tinham produzido esse tipo de artefato até agora foram dois abrigos localizados no agreste pernambucano, o sítio Alcobaça, no município de Buíque, e o sítio Furna do Estrago, localizado no município Brejo da Madre de Deus (LIMA, 1986; 2012; NASCIMENTO *et al*, 1995-1996). Entre os artefatos encontrados identificaram-se fragmentos de esteiras e cestos, além de peças e fragmentos cuja finalidade não pôde ser determinada. Contudo, ainda que se tenha o conhecimento do amplo uso desses objetos por parte de grupos indígenas atuais e de populações pré-históricas (LIMA, 1986; 2012; VAN VELTHEM, 2007; GOMES, 2015; COSTA & LIMA, 2016; LIMA *et al*; 2017), em todo o país, os sítios arqueológicos em que seus vestígios se conservaram são muito raros. Isso se deve especialmente à composição orgânica, que os torna, dentro das nossas condições climáticas tropicais, extremamente vulneráveis ao processo de decomposição. Neste sentido, quando se encontra esse tipo de material em um sítio arqueológico, seu estudo se faz imperioso devido a necessidade de ampliação do conhecimento dessa prática em tempos pretéritos. Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados da análise realizada no material composto de fibra vegetal manufaturado (cestaria e cordoaria) recentemente resgatado no sítio Arqueológico Pedra da Tesoura, localizado no Distrito do Marinho, município de Boqueirão-PB.

A categoria cestaria é composta por objetos manufaturados a partir da interação de fibras vegetais. Através de diferentes modos de sobreposição e sequências de intercalação, permite-se estruturar uma grande diversidade de objetos. Por sua vez, a composição de padrões decorativos pode demandar o uso de tingimentos ou alternativamente de técnicas de raspagem que possibilitem que uma mesma tala possa apresentar mais de uma coloração. Nesse sentido, a forma na qual as talas são inseridas na estrutura compõem os motivos e/ou padrões decorativos (ADOVASIO, 1977; RIBEIRO, 1987; COSTA, 2016). Os objetos trançados, em especial os cestos, podem assim se constituir num importante recipiente para guardar e transportar toda sorte de conteúdos e também num importante suporte para transmissão de mitos e demais simbologias daquelas sociedades que os produzem e utilizam. Em raras vezes, fibras animais podem ser agregadas a estrutura trançada ou mesmo formarem apêndices decorativos.

Ainda que a categoria tecnológica receba a designação cestaria, além dos cestos em diversos tamanhos e formatos, outros objetos trançados também estão nela incluídos, como bolsas, esteiras, chapéus, abanos, sandálias, brinquedos, redes, peças de vestimenta, entre outros. O uso de quaisquer ferramentas na produção de objetos trançados é mínimo, uma vez que o corpo do artesão é a principal ferramenta utilizada no processo. Mãos habilidosas de artesãos experientes podem gerar a replicação de características técnicas se for do seu interesse. Por outro lado, crianças e adolescentes, em fase de aprendizagem, podem criar miniaturas, brinquedos e objetos imperfeitos e/ou inacabados, em alguns casos identificáveis no registro arqueológico¹. O estudo de objetos

¹ Podemos citar como exemplo de brinquedos as esculturas zoomórficas em fibras encontradas em abrigos nas proximidades do Rio Colorado nos EUA (SCHWARTZ *et al.*, 1958; KINNEAR-FERRIS, 2007), todavia, ainda que se trate de objetos de feitura relativamente simples, a idade do artesão é discutível. Em contextos brasileiros, o estado de degradação das peças dificulta tal discussão, mas um pequeno cesto estudado por um dos autores na Reserva Técnica de Arqueologia do Museu Nacional possui dimensões que limitam os usos potencialmente a ele atribuídos (COSTA, 2016:192). Embora de procedência etnográfica, fazem parte dos acervos Xokleng e Kaingang do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, vários exemplares de cestos de dimensões extremamente reduzidas que podem ter feito parte do processo de aprendizagem de pequenos artesãos.

confeccionados em algodão, cuja produção necessita do uso de maquinaria, sobretudo de diferentes tipos de teares, não se enquadra nessa categoria (Mason, 1902). Tais implementos permitem que as estruturas de interação das fibras sejam mais complexas do que aquelas que compõem os objetos manufaturados e permitem uma grande produção em curtos intervalos de tempo. Ainda assim muitas dessas estruturas são compartilhadas entre as duas categorias (EMERY, 1966).

A produção de objetos industrializados em fibras vegetais, como é o caso do trabalho em algodão, principalmente em larga escala, acarreta na transferência de agência do artesão para a máquina (INGOLD, 2000). A figura do artesão é substituída, assim, por um simples operador de máquinas, cuja atuação se restringe a programar uma sequência de comandos para que a máquina os execute, dessa forma a responsabilidade pelo produto passa a ser da máquina e não mais do homem. Em contextos atuais, essa transferência se dá quase que por completo, na medida em que as máquinas estão cada vez mais autônomas e conseqüentemente a atuação do operador mínima. Esse operador não necessariamente tem que ter conhecimentos aprofundados sobre a mecânica dos têxteis, já que precisa apenas apertar alguns botões e pisar em alguns pedais, em vez de utilizar o conhecimento prático do artesão. Nessa perspectiva vale ressaltar a singularidade dos objetos manufaturados, na qual cada objeto produzido pela mão do seu criador é único, representa, transmite e faz perdurar seus sentimentos, identidades, mitos além da busca pelo conforto doméstico diante de um processo de constante interação com o meio ambiente envolvente. A este indivíduo se permite errar e experimentar, produzindo objetos que não são simétricos, de acordo com suas necessidades e anseios (COSTA, 2016). Tais sentimentos podem demandar a produção de objetos de forte apelo estético e/ou ritual, ou de uso imediato, sendo em seguida descartado, como os Asurini do Xingu o fizeram (SILVA, 2009).

ELEMENTOS TÉCNICOS E ASPECTOS CLASSIFICATÓRIOS

Adovasio (1977) sistematizou os objetos trançados de acordo com a técnica apresentada na porção principal da peça (em cestos chamada de parede ou corpo). Dessa maneira, a forma como as fiadas ou fileiras de tiras de fibra estão dispostas na estrutura da peça caracterizam a técnica, que pode ser classificada em torcida, cruzada e costurada.

Muito comum entre os artesãos indígenas norte-americanos, aparentemente a técnica costurada foi pouco popular na pré-história brasileira (COSTA, 2016; COSTA & LIMA, 2016). As outras duas técnicas, por sua vez, foram essenciais na produção do repertório cesteiro das populações nativas no Brasil.

Na técnica torcida, um elemento ativo designado trama envolve (geralmente em pares) um elemento passivo, a urdidura. A torção dos elementos da trama, cordoados ou não, é orientada a partir do diagrama Z-S, de modo que os elementos podem ser inseridos inclinados de baixo para cima, da direita para a esquerda (S) ou da esquerda para direita (Z) (HURLEY, 1979). Em alguns fragmentos, sobretudo aqueles de menor tamanho, a indicação da torção da trama pode ser um tanto ambígua, já que não é possível identificar a orientação vertical/horizontal do artefato. Ainda que Adovasio (1977) caracterize a trama como elemento disposto na horizontal, pode ocorrer inversão, ou seja, com a trama se dispondo verticalmente e a urdidura horizontalmente, o que mudaria também a orientação da torção da trama. Esse fenômeno pode ser observado em quase todas as esteiras recuperadas no sítio Alcobaça, no interior de Pernambuco (NASCIMENTO *et al.*, 1995-1996; NASCIMENTO, 2001; MARTIN, 2008; COSTA, 2016; COSTA & LIMA, 2016). O enfraquecimento mecânico das estruturas trançadas pode ainda alterar a orientação da torção dos elementos da trama, assim, sua análise, segundo tais critérios,

produziria resultados que poderiam não condizer com a realidade dos objetos enquanto em uso. Por essa razão optou-se em não analisar esse atributo nos fragmentos de trançados, apenas nos fragmentos de cordéis, utilizando-se, portanto, como mecanismo de comparação interna bem como com conjuntos de outros sítios, os demais elementos da variação técnica.

A variação principal da técnica torcida é composta pelo espaçamento existente na estrutura. O torcido aberto refere-se aos casos nos quais o artesão expôs propositalmente os elementos da urdidura. Por outro lado, nos casos em que os elementos da urdidura são consolidados de modo que não se é possível visualizá-la, chama-se trançado fechado (ADOVASIO, 1977). Pode-se admitir funcionalidade a essa variação, uma vez que a coesão das fibras em cestos torcidos fechados permite a guarda ou transporte de conteúdos muito pequenos, do tamanho de grãos, por exemplo. Alguns cestos impermeabilizados com cera de abelha e outros tipos de resina permitiram até mesmo o acondicionamento de líquidos (COSTA, 2016; COSTA & LIMA, *no prelo*).

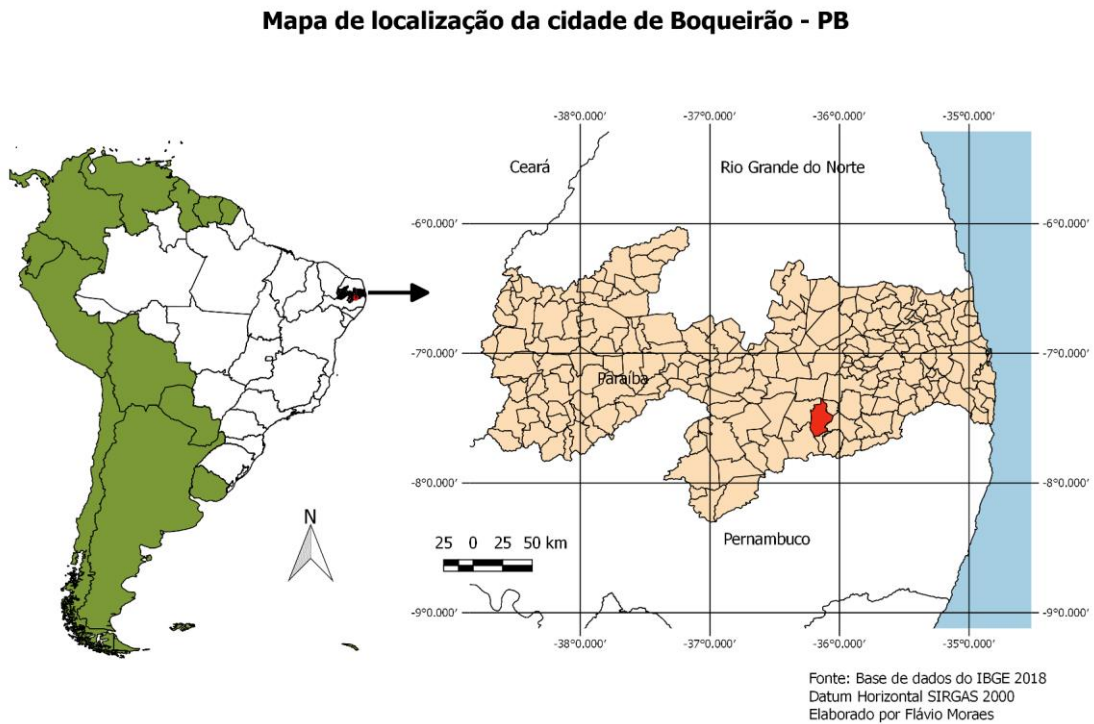
Na técnica cruzada, os elementos não estão dispostos hierarquicamente, ou seja, não há elementos ativos ou passivos, em geral todas as tiras têm o mesmo tamanho e espessura. O que caracteriza essas peças é o padrão em que as tiras são inseridas. Os mais comuns são 1/1, também chamado cruzado simples ou xadrezado, e 2/2, também chamado de sarjado (RIBEIRO, 1987).

Outros elementos como arremates e emendas, excepcionalmente conservados e identificáveis em vestígios arqueológicos, podem complementar a classificação. Em conjunto tais atributos refletem diferenças entre grupos e sítios que podem se constituir num importante marcador étnico.

Nas cordas, que, por sua vez, não se dispõem de tantos atributos verificáveis quanto as cestarias, a orientação da torção tem funcionado como esse marcador. Alguns autores entendem que a torção é uma característica idiossincrática, passada de geração em geração, e que pode ajudar a identificar grupos étnicos e até mesmo famílias de artesãos. Nesse sentido, Maslowski (1996:89) afirma que a padronização da torção no preparo de cordas e cordéis é o resultado de habilidades motoras altamente padronizadas, aprendidas na juventude e repassadas ao longo das gerações. Consequentemente, tem uma maior perduração que atributos decorativos ou influenciados por variáveis ambientais. O trabalho de Dolores Newton (1971) com grupos Timbira segue essa linha de pensamento. Segundo a autora, embora os Pukobyê tivessem adquirido o conhecimento da confecção de redes dos Guajajara / Tenetehara, demonstravam a sua identidade e oposição aos mesmos através do uso de um padrão inverso de torção dos fios. Maslowski complementa ao colocar que não há facilidades ou funcionalidades específicas para um tipo de torção em detrimento de outro, o que implicaria que a sua adoção seria culturalmente orientada. Por último, o fato de o artesão ser destro ou canhoto pode interferir na torção das cordas, acarretando a existência de alguma variabilidade no registro arqueológico.

MATERIAIS E MÉTODOS

O material objeto de estudo deste artigo é proveniente do sítio Pedra da Tesoura, localizado no município de Boqueirão, estado da Paraíba (figura 1). O sítio é um abrigo sobrocha (figura 2) e apresentou inicialmente afloramento de ossos humanos. Foram realizadas escavações no local no ano de 2017, sob a coordenação de um dos autores (FM). Além dos sepultamentos, também se identificou a presença de contas de colar confeccionadas com ossos de aves e dentes de felinos, e as fibras vegetais manufaturadas.

Figura 1 - Localização da cidade de Boqueirão – PB (Autoria: Flávio Moraes, 2018).**Figura 2** - Vista da entrada do Sítio Pedra da Tesoura (Foto: Flávio Moraes, 2018).

Neste estudo apresentamos os resultados das análises em 15 (quinze) fragmentos de fibras vegetais manufaturadas. A análise de conjuntos trançados, bem como de fragmentos de cordoaria, aqui apresentada, consiste na observação (macro e micro) dos exemplares. A visibilidade de certos atributos depende criticamente do estado de conservação da peça. Muitas vezes pode ser necessário desfazer parte da estrutura para compreendê-la, o que, dada a escassez de tais artefatos, resulta em um dilema para o

pesquisador: preservar a peça unicamente para exposições ou compreender a sua composição. Infelizmente não se pode fazer com conjuntos trançados algo similar ao que se faz, por exemplo, com conjuntos cerâmicos, selecionando amostras que serão destruídas para produzir dados (datações, análises arqueométricas como a difração por raios-X) e outras (principalmente as de maior apelo estético) para exibição em exposições. Dessa forma, optamos em tentar conciliar as duas situações, sem que haja grandes prejuízos a nenhuma delas. Entre os elementos observados na análise, destacam-se:

1. A técnica de trançado majoritariamente utilizada (torcido / costurado / cruzado);
2. O refinamento/variação dessa técnica, promovido a partir da observação das singularidades de cada uma das técnicas;
3. Existência de emendas visíveis, nós, arremates e apêndices;
4. Existência de marcas de uso;
5. Uma avaliação qualitativa do estado de conservação do exemplar em análise, verificando-se o desgaste na peça, a presença de micro-organismos e/ou a existência de reparos.

O estudo desse conjunto apresentou um diferencial importante em relação a outros estudados anteriormente por um dos autores (COSTA, 2016): a existência da documentação referente ao contexto arqueológico, que, salvo o caráter vestigial que se impõe aos sítios arqueológicos, possibilita o entendimento do uso de tais objetos em contexto e ainda a sua relação com outros vestígios que compõem o cenário arqueológico. Observa-se que alguns desses exemplares representam mais de um fragmento, isso implica em não analisar dois fragmentos isoladamente como se fossem oriundos de peças diferentes, o que invariavelmente produziria um quadro quantitativo equivocado. Em vez disso, eles são analisados de maneira integrada, respeitando-se o contexto arqueológico.

RESULTADOS

Foram identificadas as seguintes características nos exemplares estudados:

Exemplar 362.1 – Dois fragmentos de pequenos cordéis compostos por três feixes torcidos em sentido oposto à torção final, dispostos similarmente a uma trança de cabelo (braided). As camadas estão torcidas em “Szzz”. Provavelmente os dois fragmentos pertenceram a um mesmo exemplar. O estado de conservação é regular (figura 3).

Figura 3 - Fragmento de cordoaria (Desenho: Mizaél Costa, Foto/edição: Os autores, 2018).



Exemplar 362.2 – Fragmento torcido aberto simples. Consiste em duas fileiras de trama não cordoada, disposta em pares sobre quatro ou cinco talos da urdidura. As tiras da urdidura são intencionalmente exibidas. O fragmento apresenta pelo menos duas emendas na urdidura do tipo “novos elementos da urdidura inseridos em cruzamentos pré-existentes” (ADOVASIO, 1977:40; COSTA, 2016:37). A matéria-prima da urdidura parece não ter sido processada, por sua vez a da urdidura deve ter sofrido maceração ou outro procedimento para tornar as fibras mais flexíveis. O estado de conservação é precário. As fibras se desarticulam facilmente mesmo com cuidadoso manuseio (figura 4).

Exemplar 362.3a. Fragmento híbrido com fibras que se entrecruzam e que apresentam uma vez a sequência de intercalação 2/2. Entretanto pelo menos uma outra fileira é torcida. A estrutura da peça é bastante ambígua e a identificação mesmo com ampliação não é segura. O fragmento sofreu esmagamento pelos sedimentos arqueológicos e/ou pisoteio que resultou na degradação das estruturas trançadas (figura 4).

Exemplar 362.3b. Fragmento torcido aberto (possivelmente) diagonal. Consiste em duas fileiras de trama não cordoada, disposta em pares sobre seis talos da urdidura. As tiras da urdidura são intencionalmente exibidas. Parece haver uma emenda na trama do tipo “presa sem laço ou nó” (ADOVASIO, 1977:40; COSTA, 2016:37) e uma emenda na urdidura do tipo “novos elementos inseridos em cruzamento pré-existente”. O exemplar foi esmagado/pisoteado em contexto. O estado de conservação é regular (figura 4).

Exemplar 362.4. Fragmento torcido em “S” aberto. Consiste em duas fileiras de trama torcida provavelmente em pares nas quais estão inseridas na urdidura por volta de cinco tiras de fibras. Cada fileira da trama recebe pelo menos duas tiras da urdidura, o que pode significar emendas do tipo “novos elementos inseridos na urdidura em cruzamentos preexistentes”. Porém, como o a estrutura observada é apenas um mínimo fragmento remanescente da peça, não é possível saber qual era o seu padrão estrutural original (se simples ou diagonal). Apresenta emenda na trama do tipo “novos elementos adicionados à trama através de laços ao redor dos elementos da urdidura” (Adovasio, 1977:40; Costa, 2016:37). O estado de conservação é regular (figura 4).

Exemplar 393.1. Fragmento torcido aberto. A estrutura observável é composta por alguns talos de urdidura envolvidos por duas fileiras de trama. A urdidura é intencionalmente exibida. O fragmento foi parcialmente compactado por esmagamento / pisoteio. Não exhibe emendas ou arremates. A análise de parte da peça foi comprometida pela dificuldade de visualização imposta por intensa degradação (figura 5).

Figura 4 - Fragmentos de artefatos trançados do sítio Pedra da Tesoura. No detalhe: ampliação da trama do exemplar 362.4 (Foto/edição: os autores, 2018).

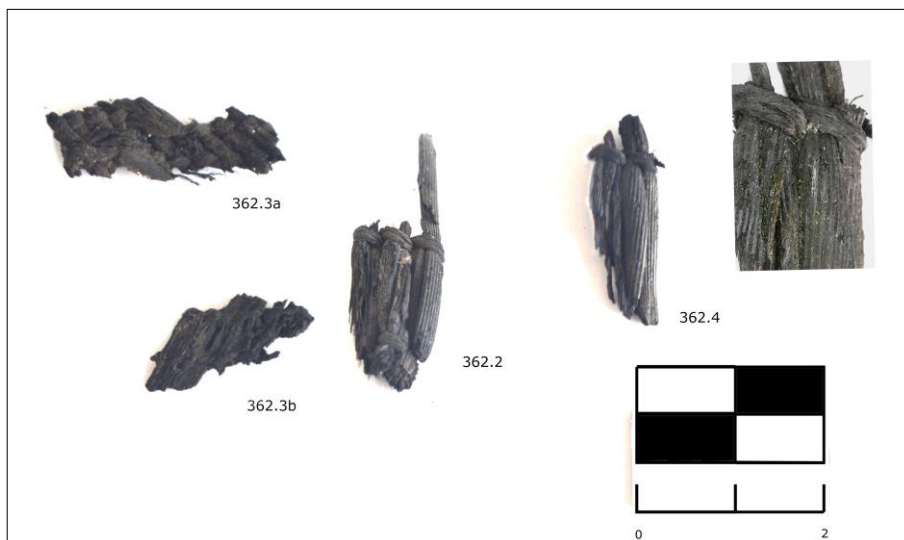


Figura 5 - Fragmento de artefato trançado do sítio Pedra da Tesoura. (Foto e edição: os autores, 2018).



Exemplar 393.3. Fragmento torcido em aberto. Evidencia-se nesse fragmento três linhas de urdidura envolvidas por uma fileira de trama que se desenvolve em pares. Os elementos da urdidura são intencionalmente exibidos. Não estão visíveis arremates ou emendas. O estado de conservação é regular (figura 6).

Exemplar 395.1. Fragmento torcido aberto. Trata-se de uma fileira de trama, que se desenvolve em pares, envolvendo cinco elementos da urdidura intencionalmente exposta. Não há emendas ou arremates visíveis. O estado de conservação é regular (figura 6).

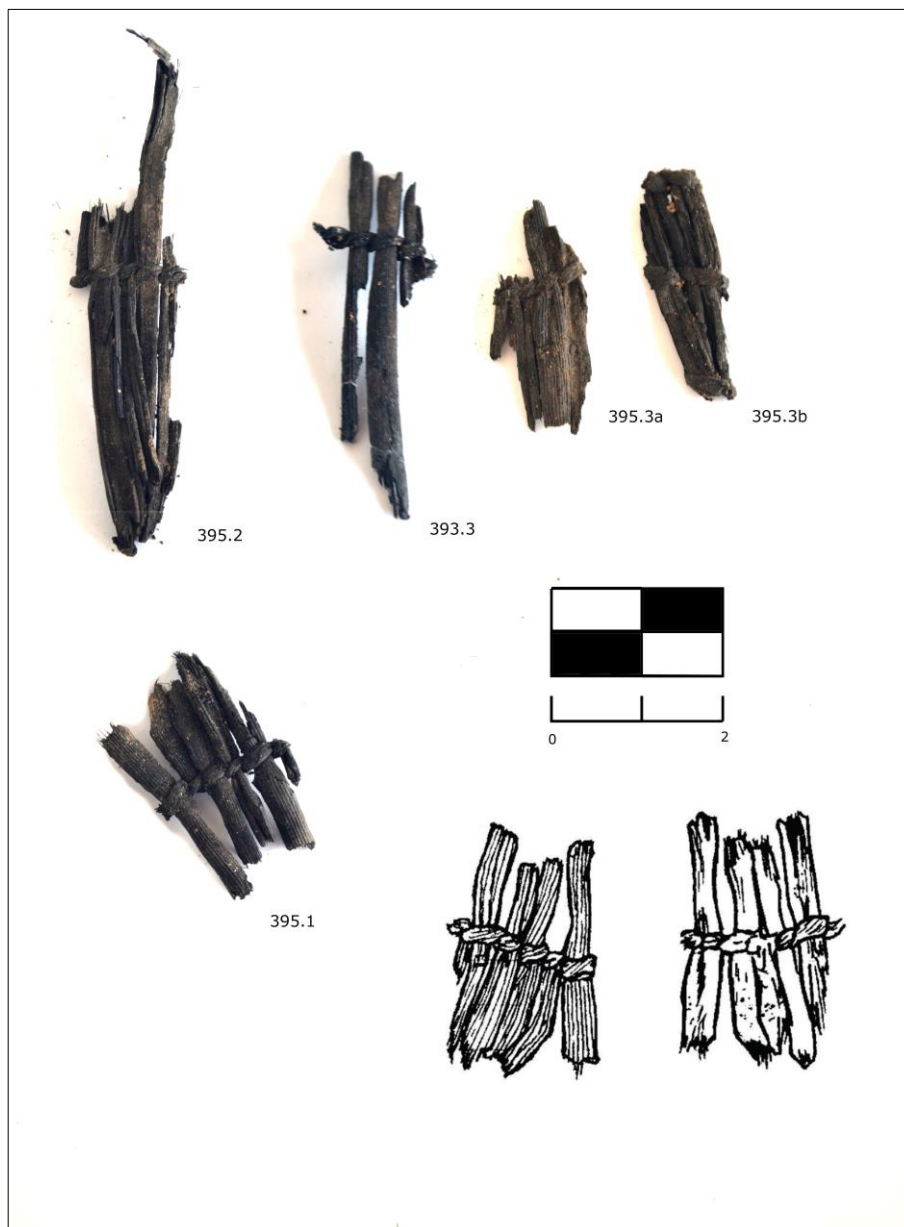
Exemplar 395.2. Fragmento torcido aberto. Consiste em um conjunto de 4 tiras de urdidura intencionalmente expostas e tramada por uma única fileira, que se

desenvolve em pares. Não há emendas ou arremates visíveis. O estado de conservação é regular (figura 6).

Exemplar 395.3a. Fragmento torcido aberto. Apresenta apenas uma fileira de trama disposta em pares. A urdidura é exibida intencionalmente. Não há arremates ou emendas visíveis. O estado de conservação é regular (figura 6).

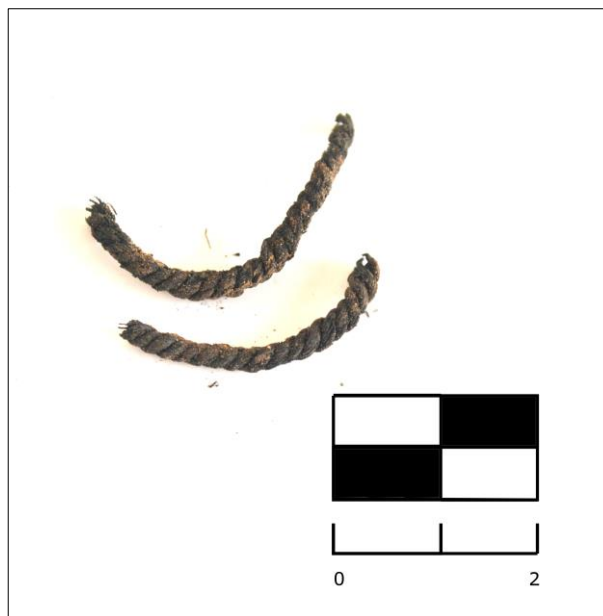
Exemplar 395.3b. Fragmento torcido abertos simples. Provavelmente é parte da mesma peça que formou o exemplar 395.3a. Composto por cinco tiras de urdidura, exibindo três fileiras de trama dispostas em pares. A urdidura é exibida intencionalmente. Exibe emenda na urdidura do tipo novos elementos adicionados a cruzamentos pré-existentes. Trama e urdidura são compostas pela mesma matéria-prima. Não há arremates, e o estado de conservação é regular (figura 6).

Figura 6 - Fragmentos de artefatos torcidos do sítio Pedra da Tesoura.
(Desenho: Mizael Costa, Foto/edição: Os autores, 2018).



Exemplar 395.4. Dois fragmentos de pequenos cordéis compostos por dois feixes torcidos em sentido oposto a torção final. As camadas estão estruturadas em “Szz”. Provavelmente são parte de um mesmo cordel. A preservação dos exemplares é boa (figura 7).

Figura 7 - Fragmentos de cordoaria do sítio Pedra da Tesoura.
(Foto/edição: os autores, 2018).



Exemplar 396.1. Fragmento torcido aberto simples. Trata-se de uma das estruturas mais íntegras dentre o conjunto analisado. Possui dez tiras de urdidura envolvidas por duas fiadas de trama, de modo que a urdidura está intencionalmente exibida. A trama está disposta em pares. Não foram observados arremates ou emendas (figura 8).

Exemplar 396.2. Fragmento torcido aberto simples. Possui entre sete e oito tiras de urdidura entretorcidas por duas fileiras de trama que se desenvolvem em pares. O fragmento apresenta uma ambiguidade que se deve ao seu tamanho reduzido e conseqüentemente à pequena parte da estrutura que se conservou, podendo apresentar pelo menos três emendas na urdidura de novos elementos inseridos em cruzamentos pré-existentes ou representar uma estrutura na qual os elementos da urdidura se partiram e flexibilizaram-se de modo a produzir um efeito similar ao de urdiduras cruzadas (COSTA, 2016:36). Não apresenta emendas visíveis na trama, tampouco sinais de arremate (figura 8).

Exemplar 396.3. Fragmento torcido aberto. Trata-se de um pequeno fragmento de esteira ou cesto compactado pela força exercida pela sedimentação e pisoteio. Apresenta apenas uma fileira de trama torcida em volta de pouco mais de uma dezena de tiras de urdidura intencionalmente exibida (figura 8).

Figura 8 - Fragmentos de artefatos trançados do sítio Pedra da Tesoura.
(Foto/edição: os autores, 2018).



REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

As pessoas que ocuparam o lugar hoje conhecido como Sítio Pedra da Tesoura no Distrito do Marinho, no Cariri Paraibano, assim como grande parte das populações que ocuparam as matas e sertões brasileiros no período que antecede a chegada europeia, exploraram bastante as plantas e cipós oferecidos pela natureza, confeccionando cordas, cestos e bolsas utilizadas, por exemplo, para carregar e armazenar alimentos captados nas redondezas bem como quaisquer outros objetos de seu interesse. Cordas e cordéis possibilitaram a amarração e carregamento de toda sorte de fardos e ampliação da força motora. O uso da matéria-prima vegetal na indumentária indígena no Nordeste também foi amplamente documentado para períodos históricos (PINTO, 1956; HOHENTHAL, 1960). Os indígenas utilizaram ainda esteiras para dormir e para enrolar seus mortos, prática aparente bastante difundida entre os grupos da região, uma vez que se observa o mesmo fenômeno nos sepultamentos da Furna do Estrago no interior de Pernambuco (LIMA, 1986; 2012; COSTA & LIMA, 2016). Mais do que explorá-las, essas pessoas tinham laços de ordem simbólica com plantas e com os objetos feitos a partir delas, como apontado em diversas etnografias, como a de Guss (1990) e Reichell-Dolmatoff (1989). Infelizmente, a discussão a respeito de tal vertente apenas com base no registro arqueológico fica comprometida, uma vez que o arqueólogo não compartilha do habitus desses indivíduos e tampouco tem a possibilidade de vislumbrá-lo de forma direta, já que tais vestígios remontam a milhares de anos. Contudo o que torna esse sítio especial é a existência, ainda que parcial, de fragmentos daquilo que foi fabricado pelo grupo a partir da matéria-prima de fibra vegetal. Tratam-se de quinze amostras, que, mesmo mediante decomposição avançada, permitiram a indicação das principais características técnicas, de modo a compará-las com outras coleções oriundas de sítios no Nordeste estudados anteriormente, mas sobretudo avaliar a existência de preferências, que podem ser assumidas como marcadores culturais, distinguindo seus autores dos grupos que ocuparam os sítios mencionados e mesmo de etnias cujo equipamento trançado em vegetais não se preservou. Destacamos o tamanho reduzido da maioria das amostras, que,

somado ao estado de conservação, produziu certa ambiguidade, uma vez que se diminuiu a visibilidade de alguns dos atributos. De modo geral não foi percebido nenhum tingimento, aplicação de resinas ou decoração feita na própria matéria, ainda que sua existência (em especial dos tingimentos) possa ter sido apagada pelos agentes de deposição. Mesmo não sendo possível identificar com precisão as espécies vegetais, devido às alterações impostas à matéria pelos artesãos e pela matriz arqueológica, pode-se dizer que as folhas de palmáceas foram preteridas em função do uso de gramíneas em forma de tubo, que proporcionam maior rigidez aos utensílios, cortadas em lascas ou talas ou até mesmo aproveitadas *in natura*. O cipó foi também aproveitado. A técnica mais comum foi, de longe, o trançado torcido aberto, cujo uso foi observado em treze das amostras analisadas, sendo que duas outras eram cordéis. O uso da técnica cruzada aparece apenas residualmente, e numa amostra na qual é maior a ambiguidade de visualização, um fragmento considerado híbrido (torcido/cruzado). Todavia alguns dos exemplares torcidos podem outrora ter composto um mesmo objeto.

Aparentemente, a técnica torcida predominou pelo Nordeste brasileiro, haja vista sua predominância também nos dois sítios do interior de Pernambuco analisados por um dos autores (COSTA & LIMA, 2016). O abandono dessa técnica, substituída amplamente pelo cruzado entre grupos indígenas no Nordeste, parece apontar para uma ruptura em relação à trajetória diacrônica da confecção de trançados nessa mesma região, ainda que se deva levar em conta que as amostras analisadas correspondem a um ínfimo fragmento do repertório manufaturado pelos grupos. Caso não tenha havido tal ruptura, um fato que poderia explicar essa substituição seria o uso de matérias-primas distintas e menos suscetíveis à conservação nos objetos cruzados na pré-história. Os dois exemplares de cordéis analisados (cada um dos quais com dois fragmentos) possuem estruturas distintas, indicando o domínio de mais de uma técnica por parte do grupo que ali esteve. Certamente a trajetória histórica brasileira, propiciada pela empresa colonial, na qual estiveram inseridos os diversos povos indígenas, provocou profundas alterações na sua cultura material e imaterial, e o fato de alguns grupos persistirem fazendo tal arte é um aspecto que atesta a sua resiliência independentemente da existência de relações com técnicas cronologicamente tão distantes. Por outro lado para que se possa situar e explicar com maior detalhamento o uso da tecnologia de trançar pelos grupos pré-históricos, é preciso que se tenha a sorte de evidenciar novos conjuntos de artefatos em contexto, como os da Pedra da Tesoura, e que eles sejam analisados de modo a levar em consideração o panorama até então exposto, para que assim se constitua o seu entendimento de forma global, quer seja na dimensão sincrônica ou diacrônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOVASIO, J. D. 1977. *Basketry technology: a guide to identification and analysis*. Chicago, Aldine.
- COSTA, R. L. 2016. Palha e Tala: Estudo da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos brasileiros. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- COSTA, R. L.; LIMA, T. A. 2016. A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: A cestaria dos sítios Alcobaça e Furna do Estrago. *Clio* (Série arqueológica), Recife, 31(2): 102-152.
- COSTA, R. L.; LIMA, T. A. *no prelo*. Artefatos trançados na pré-história do Sul do Brasil: persistências e rupturas tecnológicas em tempos históricos. *Revista do MAE*. N. 30.
- EMERY, I. 2009. *The primary structures of fabrics: an illustrated classification*. London, Thames & Hudson. 368 pp.
- GOMES, G. C. 2015. Sobre o saber, o fazer e o trançar: arte, técnica e recorrência do trançado de fibras do Estado do Piauí. *Dissertação de Mestrado*, Universidade Federal do Piauí. 155 pp.
- GUSS, D. M. 1990. *To weave and sing: art, symbol and narrative in the South American Rain Forest*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press. 274 pp.
- HOHENTHAL JR., W. D. 1960. As tribos indígenas do Médio e Baixo São Francisco. *Rev. do Museu Paulista*, 12:37-86.
- HURLEY, W.M. 1979. *Prehistoric cordage: identification of impressions on pottery*. Chicago, Aldine. 155 pp.
- INGOLD, T. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London, Routledge, 479 pp.
- KINNEAR-FERRIS, S. 2007. A Dated Split-Twig Figurine from Western Colorado. *Kiva*. 72 (3):345-352.
- LIMA, J. M. D. 1986. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *Dissertação de Mestrado*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 143 pp.
- LIMA, J. M. D. 2012. A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus. *Pesquisas – Antropologia*. 69:5-108.
- LIMA, D.V. R. de; MORAES, F. A. de Aguiar; SANTOS, J. S.; SANTOS JÚNIOR, V. dos. 2017. O cemitério furna dos ossos em Santana do Matos-RN: Estudos preliminares dos restos osteológicos humanos encontrados em superfície. *Clio Arqueológica*. 32(2):17-47.
- MARTIN, G. 2008. *Pré-história do Nordeste*. Recife, Ed. Universitária (UFPE).
- MASLOWSKI, R. 1996. Cordage twist and Ethnicity. In: PETERSEN, J. (eds.) *A Most Indispensable Art: Native fiber industries from Eastern North America*. University of Tennessee Press, pp. 88-98.
- MASON, O. T. 1904. *Aboriginal American Basketry: studies in a textile art without machinery*. Washington, Smithsonian Institution. 634 pp.
- NASCIMENTO, A.; ALVES, C.; LUNA, S. 1995-1996. O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque – Pernambuco: primeiros resultados. *Clio*, Série Arqueológica. 11:87-98.
- NASCIMENTO, A. 2001. O sítio arqueológico Alcobaça, PE-Brasil: Estudo das estruturas arqueológicas. *Tese de Doutorado*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 286 pp.

- NEWTON, D. 1971. Social and historical dimensions of Timbira material culture. *Tese de Doutorado*. Cambridge, Harvard University. 342 pp.
- PINTO, E. 1956. *Etnologia brasileira: Fulniô, os últimos Tapuias*. São Paulo, Editora Nacional. 305 pp.
- REICHELL-DOLMATOFF, G. 1985. *Basketry as metaphor: arts and crafts of the Desana Indians of the Northwest Amazon*. Los Angeles, University of California. 96 pp.
- RIBEIRO, B. G. 1987. A arte de trançar: dois macro estilos, dois modos de vida. In: RIBEIRO, D. *Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia indígena*, vol. II. Rio de Janeiro, FINEP/Vozes. 283 -321pp.
- SCHWARTZ, D. S.; LANGE, A. L.; DESAUSSURE, R. 1958. Split-Twig Figurines in the Grand Canyon. *American Antiquity*. 23(3):264-274.
- SILVA, F.A. 2009. A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu: uma reflexão etnoarqueológica sobre função, estilo e frequência dos artefatos. *Revista de Arqueologia*. 22(2):17-34.
- VAN VELTHEM, L. H. 2007. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. *Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio)*. 4:117-146.